

*O Discurso Evangélico Hodierno e seu afastamento da Tradição Fundante*

Helvio Costa de Oliveira Telles<sup>1</sup>

**RESUMO:**

A preocupação básica deste estudo é refletir sobre o discurso evangélico atual e o quanto ele tem se afastado da tradição fundante nascida dos ensinamentos e práticas do Cristo de Deus e transmitida diretamente a seus 12 apóstolos. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica em que foram consideradas as contribuições de autores como Libanio (1992), Sanchis (1997), Collins (1991), dentre outros, a fim de buscar entender os motivos do afastamento das religiões cristãs, principalmente das neopentecostais, da tradição fundante. Este artigo tem o objetivo de analisar o processo de formação do novo discurso religioso cristão e o novo relacionamento com o sagrado, em um contexto antropocêntrico de pós modernidade. Conclui-se que o homem pós-moderno cria uma religião mais parecida consigo mesmo do que com o modelo fundante.

**Palavras-chave:** Neopentecostalismo. Tradição Fundante. Antropocentrismo. Modernidade. Secularização.

**Abstract:**

The basic concern of this study is to reflect on the current evangelical discourse and how far it has moved away from the founding tradition born from the teachings and practices of the Christ of God and transmitted directly to his 12 apostles. A bibliographic research was carried out in which the contributions of authors such as LIBANIO (1992), SANCHIS (1997), COLLINS (1991), among others, were considered, in order to seek to understand the reasons for the departure from Christian religions, mainly from the neo-Pentecostal tradition. founding. This article aims to analyze the formation process of the new Christian religious discourse and the new relationship with the sacred, in a post-modern anthropocentric context. It is concluded that postmodern man creates a religion more similar to himself than to the founding model.

**Keywords:** Neopentecostalism. Founding Tradition. Anthropocentrism. Modernity. Secularization.

---

<sup>1</sup> É bacharel em teologia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, bacharel em direito pela FACNEC, mestre em direito econômico pela UCAM-RJ, mestrando em ciências das religiões pela FUV e doutorando em agronegócios e sustentabilidade pela Universidade de Évora em Portugal.

## 1. Introdução

O presente trabalho tem como tema o discurso evangélico hodierno e seu afastamento da tradição fundante. Primeiramente, deve-se esclarecer o motivo pelo qual se utiliza o termo “evangélico” e não “religião”.

De uma forma geral, as religiões, sejam orientais ou ocidentais, têm-se mantido fiéis aos seus propósitos, como dar respostas a questões existenciais. Conforme ensinamento de Hellern, Gaarder e Notaker (2001):

A necessidade de se orientar na vida é fundamental para os seres humanos. Não precisamos apenas de comida e bebida, de calor, compreensão e contatos físicos; precisamos também descobrir por que estamos vivos. Nós perguntamos: Quem sou eu? Como foi que o mundo passou a existir? Que forças governam a história? Deus existe? O que acontece conosco quando morremos? Essas são as chamadas questões existenciais, pois dizem respeito a nossa própria existência.<sup>2</sup>

O homem é um ser religioso e é justamente na religião que ele vai buscar por respostas. Conforme magistério de Champlin (2014):

A aplicação básica da palavra religião é a ideia de que certos poderes sobrenaturais podem exercer autoridade sobre os homens, exigindo que eles façam certas coisas e evitem outras, forçando-os a cumprir ritos, sustentar crenças e seguir algum curso específico de ação.<sup>3</sup>

O hinduísmo, por exemplo, continua fiel aos seus quatro princípios (crença no Dharma, na reencarnação, busca da moksha-salvação, existência do carma). O budismo também segue fiel às suas quatro nobres verdades; as religiões africanas primais são fiéis ao seu deus-criador e aos seus deuses, as secundárias, ligadas às forças da natureza; o judaísmo continua aguardando o messias, guardando suas tradições e língua; o islamismo segue crendo no Deus único e principalmente no Corão, livro que encerra os ensinamentos de Alá ao profeta Maomé; e o espiritismo está consolidado na doutrina fundamentada na crença na situação do homem como um espírito preso ao corpo, compreendendo a alma como condição do espírito enquanto permanece ligado ao corpo, e na crença na reencarnação.

---

<sup>2</sup> HELLERN, Victor; GAARDER, Jostein; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Cia das Letras, 2001, p. 8.

<sup>3</sup> CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia: teologia & filosofia**. Volume 5. 12. Ed. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 637.

Neste contexto, o objetivo primordial deste estudo é entender que, quando falamos em cristianismo, estamos falando da religião que mais sofreu e continua sofrendo mudanças em relação aos ensinamentos originais de seu fundador, em função de uma moderna interpretação desses ensinamentos.

Segundo Libanio, “o Cristianismo é uma religião de revelação e do livro”<sup>4</sup>, e é justamente na interpretação desse livro que nasce a problemática. O cristianismo, unificado em 380 d.C. pelo imperador Teodósio, que se transformou em religião oficial do Império Romano, experimenta a primeira cisão provocada pelas críticas de Calvino e Martinho Lutero aos abusos do poder da igreja liderada por Roma, o que precipita o nascimento de Igrejas cristãs não católicas. Neste contexto, encontramos as primeiras igrejas cristãs protestantes, herdeiras diretas da Reforma, tais como: as Igrejas Luterana (baseadas nas propostas de Martinho Lutero), Anglicana (Igreja inglesa que se difere da Igreja Católica Romana basicamente por não reconhecer no papa seu líder religioso, mas sim no rei da Inglaterra), Batista (dissidência da Igreja Anglicana, nascida no início do século XVII), Presbiteriana (de origem Calvinista, se organiza internamente por meio da liderança dos presbíteros) e Metodista (movimento anglo-americano de dissidência do anglicanismo, nascida sob a liderança de John Wesley no final do século XVIII).

Já no início do século XX, nos Estados Unidos, surge o movimento pentecostal, propondo mudanças ao Protestantismo Histórico. A principal proposta de mudança foi em relação à crença de que o Espírito Santo permanece manifestando-se ainda nos dias de hoje através da glossolalia, ou habilidade para falar em línguas desconhecidas, do discernimento de espírito, das curas e das profecias, mantendo-se, ainda, como característica importante herdada do Protestantismo Histórico, o apreço pela leitura e pelo estudo cuidadoso da Bíblia.

Por fim, na década de 1960, surgem os neopentecostais também nos Estados Unidos, trazendo uma renovação para o movimento pentecostal. Aquele se difere por dar mais ênfase às questões das revelações diretas da parte de Deus. Além disso, divergem dos pentecostais em relação à interpretação das representações e significados da prosperidade material na vida do crente. O movimento chega à década de 1970, trazendo

---

<sup>4</sup> LIBANIO, 2012, p. 17.

consigo inovações, principalmente quanto à veiculação da mensagem religiosa, quando passaram a utilizar-se fortemente da mídia eletrônica, o que lhes possibilitou levar a sua crença a um número elevado de pessoas e, ao mesmo tempo, a diferentes cantos do país.

## 2. Desenvolvimento

A leitura da introdução, inexoravelmente, nos faz refletir sobre uma teoria moderna conhecida como secularização, “que buscava explicar o fim da religião”<sup>5</sup>. Em um contexto de pós-modernidade, a discussão é bem outra, ou seja, procura-se entender e compreender as causas e as tendências desta espécie de “ressurgimento religioso”, principalmente no meio protestante neopentecostal, “ressacralização” ou, no sentido Weberiano, “reencantamento”<sup>6</sup>.

Os novos movimentos religiosos surgidos nas últimas décadas é um dos elementos que mais salta aos olhos nesse período, o que corrobora o argumento de que a teoria da secularização não foi exitosa, de modo que, de tanto proclamar a morte da religião, agora, ao seu turno, talvez seja o seu fim. Notamos um crescimento explosivo na diversidade religiosa, sobretudo em uma perspectiva neopentecostal. Segundo Rubio (1998):

Em especial, os movimentos religiosos baseados em intensa carga emocional, os que mais abundam hoje, são altamente adaptáveis às condições do novo contexto: carecem de pontos fixos de referência, tradição ou autoridades, apostam mais na experiência do que na crença, são sincréticos por natureza e não se estruturam mais em torno do eixo “transcendência-imanência”, em torno de um eixo horizontal: “sentido/sem sentido”, “vida/morte” etc.<sup>7</sup>

Essa situação possibilita cada vez mais o surgimento de uma “religião *à la carte*” desenhada de acordo com as preferências individuais, mais do que seguindo a lógica e a coerência de um sistema doutrinal<sup>8</sup>. Contudo, apresenta uma nova escala de valores simbólicos e continuam buscando o sentido da vida, o que as mantém fortemente vinculadas às definições clássicas de religiões.

---

<sup>5</sup> ZEPEDA, José de Jesús Legorreta. Secularização ou ressacralização? O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n 73, Junho/2010, p. 129.

<sup>6</sup> MARDONNES, 1991, Verbo Dinino, p. 15-36.

<sup>7</sup> RUBIO, J. M. **Resurgimiento religioso versus secularización**. Gaceta de Antropología, 1998, p. 20.

<sup>8</sup> ZEPEDA, 2010, p. 135.

O que assistimos atualmente é o surgimento de novas formas de religião com expressões nos níveis individual, grupal e social. E, o movimento evangélico, como uma subespécie derivada do cristianismo que, por sua vez, deriva do gênero religião, é o que mais contribui para essa diversidade e conseqüente desvinculação da tradição fundante. Vemos a cada dia uma religiosidade permanente e exuberante, a mostrar que modernidade e religião não são incompatíveis. Porém, essa efervescência religiosa revela um abandono da tradição fundante juntamente com a mudança de alvo, ou seja, a mudança de vida eterna no Reino para uma vida próspera no mundo.

Conforme já apontado, uma característica neopentecostal é a midiaticização do culto mediante a intensa utilização do discurso de satisfação, mudando-se, com isso, a lógica do discurso fundante. Esse culto, que passa a ser uma mercadoria, deve gerar audiência e seu discurso não pode ser o por vir, o etéreo ou imaterial, e sim o momentâneo, imediato e prazeroso. A mídia, inclusive, é extremamente cara. O aluguel dos templos é igualmente caro, o que torna necessária a criação de produtos evangélicos para dar condição de continuidade das atividades religiosas. Essa prática se confunde com outra tão combatida por Lutero, a venda de indulgências.

Essa necessidade de recursos leva a hermenêuticas tendenciosas, como, por exemplo, a usurpação da benção Abraão, exclusiva do povo hebreu, agora extensiva à Igreja. A prática de campanhas de cura com entrega de envelopes:

De fato, é menos verdade objetiva que se trata, na procura contemporânea do sentido religioso da vida, mas de uma emoção “que tenha o som da verdade” uma primazia da emoção sobre a razão. [...] O homem religioso de hoje, na ânsia de compor um universo para si, sem dúvida cheio de sentido, mas de sentido para si tende a não se sujeitar às definições que as instituições lhe propõem dos elementos de sua própria experiência. Aqui, no mercado aberto dos produtos da religião o homem contemporâneo tende a adquirir elementos das várias sínteses que se lhe oferecem, para ele mesmo compor seu universo de significação.<sup>9</sup>

Um Deus que se comunica é um tema central na vida cristã<sup>10</sup>. A comunicação de Deus, que tem início com o povo de Israel, encontra sua perfeição em Jesus Cristo, o Verbo Divino. A Encarnação é o auge desse diálogo, e por isso a mensagem do Cristo

---

<sup>9</sup> SANCHIS, Pierre. As religiões dos brasileiros. **Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v.1, n. 2, p 28-43, agosto 1997, p. 34.

<sup>10</sup> LIBANIO, João Batista. **Teologia da revelação a partir da modernidade**. 7. Ed. São Paulo: Loyola, 2012, p. 17.

encarnada é a mais importante. A salvação foi comunicada, e este dado foi transmitido oralmente e consignado por escrito por uma comunidade que conheceu nessa tradição e escritos uma comunicação única e original de Deus. Segundo Libanio

A revelação aparece como algo comunicado por Deus, cuja iniciativa e objetividade vem, em primeiro lugar, de Deus e não da fantasia de grupos espiritualistas ... verdades naturais reveladas (que são reveladas por Deus, ainda que podem ser conhecidas pela razão...verdades sobrenaturais (que somente podem ser conhecidas pela revelação.<sup>11</sup>

Jesus, maior comunicador do cristianismo e revelador do Deus pai, é o ápice da comunicação, e o plano do Deus criador almeja que a revelação chegue a todas as gerações. Porém, a problemática encontra-se em uma posição de Y, na qual “a única maneira de dizer a mesma coisa num contexto que mudou é dizê-lo de modo diferente”<sup>12</sup>.

Ao dizer a mensagem de forma diferente, corre-se o risco de se utilizar de uma hermenêutica com características pessoais e tendenciosas, pois um novo contexto de convívio cria novas tradições.

Como já foi apresentado neste trabalho, uma das características das igrejas neopentecostais é a revelação, inclusive da própria Palavra (Bíblia). E, na busca por uma religião com características mais pessoais, desvia-se e nega-se a tradição. O’Collins, ao falar sobre o momento da história fundante e o momento da história dependente, ensina que

Os primeiros cristãos, e sobretudo os apóstolos, fizeram a experiência da história fundante da revelação e da salvação e deram testemunho dela. Estes pais e estas mães fundadores gozaram da experiência irrepetível (“feita uma vez por todas”) de viverem em intimidade com Jesus, de encontrarem-no na sua glória de ressuscitado e de tornarem-se testemunhas fundamentais da própria ressurreição. A revelação e a salvação não se detiveram no final da era apostólica de Jesus Cristo e que o testemunha. Assim, a experiência religiosa dos cristãos pós-apostólicos constitui uma história dependente da revelação e da salvação.<sup>13</sup>

## Considerações finais

---

<sup>11</sup> LIBANIO, 2012, p. 17.

<sup>12</sup> CONGAR, Yves. **La Tradition et la Vie de l’Église**, Paris, 1984, p. 6.

<sup>13</sup> O’COLLINS, 1997, p. 127.

Segundo Libanio<sup>14</sup>, a tradição não se opõe, na verdade, ao progresso. Porém, como podemos estar seguros e garantir a quem ensinamos que a revelação original (Fundante), constitutiva, permanece viva e efetiva na Igreja atual? A efervescência religiosa pós-moderna cria uma hermenêutica desvinculada com a tradição, pois, para ela, o discurso tradicional é pesado e pouco palatável. Nota-se uma mudança de paradigma no afã de tornar o discurso mais aceitável. Imersão ou aspensão, o milênio, pré ou pós-milênio, obra ou fé, prosperidade ou resignação são objetos de grande divergência.

O neopentecostalismo pós-moderno enfatiza o eu (indivíduo) e cria uma nova realidade ou novo universo simbólico. O discurso emitido será sempre ressignificado a partir dessa nova realidade simbólica de cada indivíduo. Isso representa uma ruptura definitiva com a teologia medieval, pois traz em si características humanísticas da valorização do eu antropológico. Só essa conclusão já seria suficiente para perceber o afastamento com a história fundante quando o apóstolo Paulo (Gálatas 2:20) diz: “Que não viva eu, mas Cristo viva em mim”.

O Moderno indubitavelmente quebra paradigmas de conhecimento iniciado na tradição. Porém, o Pós-moderno é a consciência de que o homem não é só razão, é também emoção e sentimentos. Por isso, a construção do discurso religioso cristão neopentecostal busca satisfazer essa necessidade emocional do eu.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia: teologia & filosofia**. Vol. 5. 12. Ed. São Paulo: Hagnos, 2014.

COLLINS, G. O. **Teologia Fundamental**. São Paulo: Loyola, 1991.

CONGAR, Yves. **La Tradition et la Vie de l'Église**, Paris, 1984.

HELLERN, Victor; GAARDER, Jostein; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

LIBANIO, João Batista. **Teologia da revelação a partir da modernidade**. 7. Ed. São Paulo: Loyola, 2012.

---

<sup>14</sup> LIBANIO, 2012, p. 392.



RUBIO, J. M. **Resurgimiento religioso versus secularización**. Gaceta de Antropología, 1998.

SANCHIS, Pierre. As religiões dos brasileiros. **Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v.1, n. 2, p. 28-43, agosto 1997.

ZEPEDA, José de Jesús Legorreta. Secularização ou ressacralização? O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 73, Junho/2010.